

ASSIM VIVEM OS HOMENS
GUIA DA EXPOSIÇÃO



CULTURA
POPULAR

ASSIM VIVEM OS HOMENS
GUIA DA EXPOSIÇÃO

CULTURA POPULAR



ASSIM VIVEM
OS HOMENS



SUMÁRIO E MAPA

04 | **ASSIM VIVEM OS HOMENS**
APRESENTAÇÃO GERAL

18 | **BRINQUEDOS**
SALA 03

06 | **CULTURA POPULAR**
ABERTURA

20 | **FESTAS E FOLGUEDOS**
SALA 04

08 | **CELEBRAR A VIDA**
SALA 01

24 | **CASA CAIÇARA**
PAVIMENTO TÉRREO
EM BREVE

12 | **A DIVERSIDADE DA FÉ**
SALA 02

26 | **BIBLIOGRAFIA**
E LEGENDAS



2° PAVIMENTO

ENTRADA



VOCÊ ESTÁ AQUI



TRAJETO SUGERIDO



ESCADAS



SALAS DO 2° PAVIMENTO



ACESSO ESPECIAL AOS PAVIMENTOS



CLAUSTRO



Tem este pequeno texto a difícil, porém satisfatória, tarefa de apresentar aos visitantes do MAE - UFPR - a terceira exposição de longa duração do Museu em seus cinquenta anos de existência. Sob o título Assim Vivem os Homens os curadores trouxeram, na dimensão onde se encontram conceitos e afetos, a riqueza das coleções, a beleza dos objetos e a diversidade de significados neles representados. Beleza que se encontra nem sempre, e não somente, na estética, mas, fundamentalmente, nos sentidos individuais e coletivos que deram origem a cada um desses artefatos, aos processos de elaboração e a partilha das noções que os distingue.

APRESENTAÇÃO

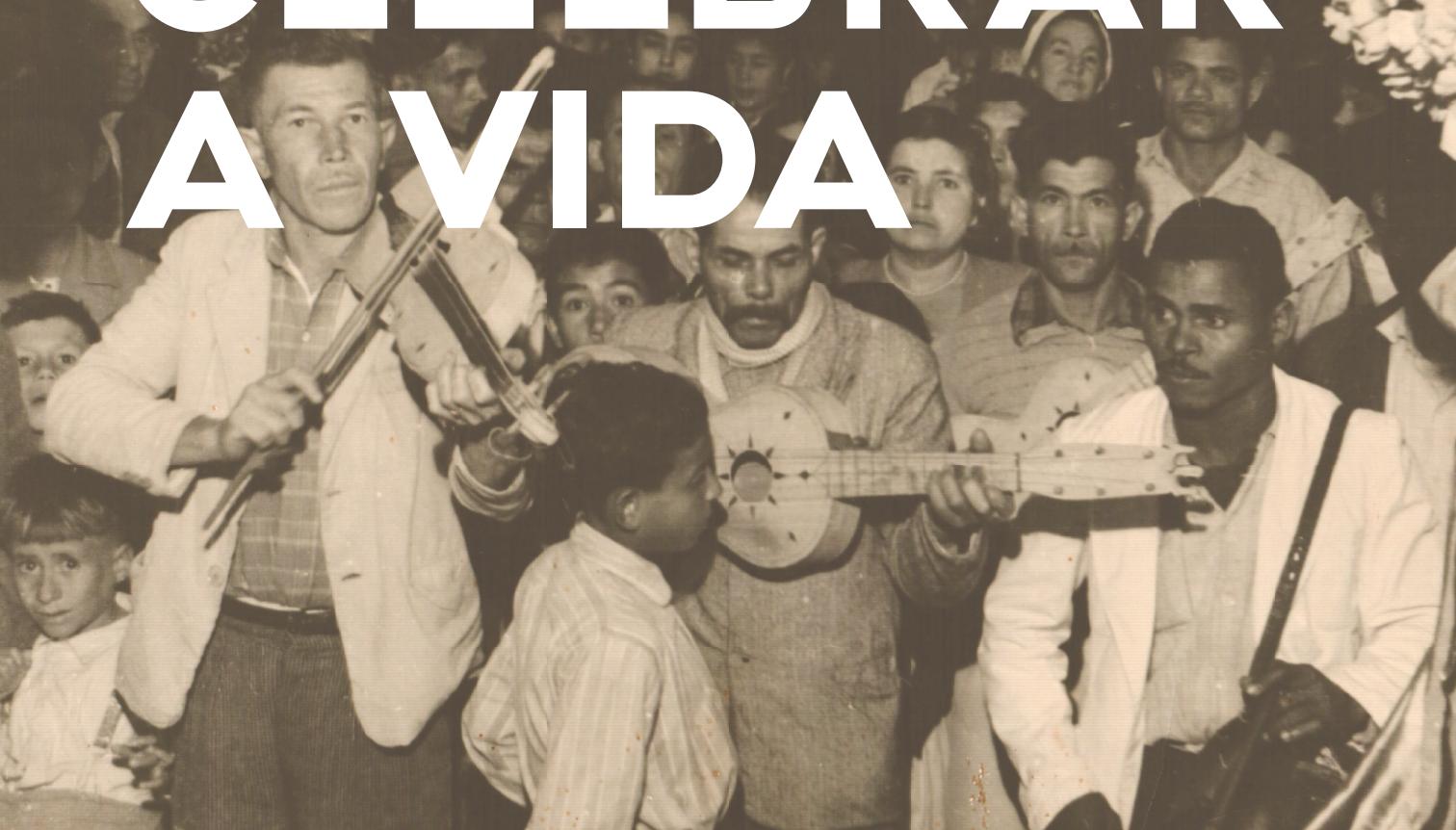
Assim Vivem os Homens é um desafio. Uma chamada para que o olhar, inquiridor, se permita a inquietude e, imergindo pelas brechas, vá desvendando as tramas que sustentam as diversas sociedades e os muitos coletivos simbólicos no curso de seus fazimentos e refazimentos; no fluxo de seus pertencimentos, em suas permanências e mudanças. Inquiridores e participativos, os olhos pensam. E nesta exposição, na confluência de contemplação e interatividade, abre-se aos visitantes um campo eivado de significações sociais, memórias e conhecimentos. No circuito museográfico procuramos enfatizar o cotidiano em diferentes povos, culturas e épocas, traçando suas trajetórias a partir de objetos representativos de suas tecnologias, economia, vida social, ritual e mítica.

Nosso convite: veja e participe do que está posto no circuito museográfico, e não se esqueça de lembrar que existem as entrelinhas do presente; nelas se pode intuir o caminho percorrido por muitos para que hoje possamos nos impressionar com o que vemos. Longo percurso, feito de alentos e desalentos, mas, sobretudo de confiança. Confiança na Universidade Federal do Paraná e em sua gestão superior, em seus técnicos, docentes, pesquisadores e alunos que contribuíram cada um à sua maneira e alcance para que pudéssemos realizar essa exposição de longa duração. Assim, em nome da equipe do MAE e do grupo de curadores, agradecemos, na pessoa do Magnífico Reitor, professor doutor Zaki Akel Sobrinho, a todos e a cada um que nos apoiaram.

Sintam-se muito bem-vindos ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR! Neste guia da exposição, vocês encontrarão referências indispensáveis para contemplar, questionar, refletir e imaginar algumas das múltiplas formas por meio das quais a humanidade se revela.

Marcia Cristina Rosato
DIRETORA DO MAE - UFPR

**SABER,
FAZER E
CELEBRAR
A VIDA**



Aspectos presentes na vida de todos nós estão representados na exposição sobre Cultura Popular através de objetos, imagens e sons que remetem ao universo fantástico e múltiplo das manifestações culturais brasileiras.

Os saberes e fazeres do cotidiano, como as habilidades manuais para confecção de instrumentos de uso doméstico e de trabalho, além dos adornos e adereços cuidadosamente confeccionados, permeiam a vida de muitos homens e mulheres.

Os momentos de fé e devoção que fazem parte da religiosidade do povo brasileiro estão aqui representados por celebrações como a Congada e a Bandeira do Divino, chegando até as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, tão significativos para a formação da cultura religiosa brasileira.

Ser criança, brincar, construir e socializar. O lúdico também está presente na exposição, representado por brinquedos que fizeram e

fazem parte da infância de crianças e adultos. Petecas, estilingues e bonecas são alguns dos exemplares que poderão ser vistos e apreciados.

Comemorar e celebrar, partilhar momentos de alegria e diversão. As festas e folguedos encerram a exposição de Cultura Popular, mostrando através do Fandango, do Boi de Mamão e da Cavalhada um pouco das muitas manifestações festivas que ocorrem em várias partes do Brasil.

Celebrar a vida! Esta é a proposta da exposição, que traz testemunhos materiais de diferentes experiências vivenciadas por diferentes personagens. Encontre o outro e se encontre na Cultura Popular. Afinal, os outros também somos nós.



CELEB

Os objetos expostos nesta seção da exposição refletem os saberes e fazeres de homens e mulheres brasileiras. As técnicas, as matérias-primas e seus significados simbólicos são um testemunho de seus modos de viver e de seu cotidiano, expressados tanto em objetos de uso diário, como utensílios domésticos, até objetos que servem de adorno e decoração. São conhecimentos que fazem parte da cultura popular, passados de geração em geração, aprendidos com a observação e com a prática.

RAR A VIDA

A ARTE DO TRANÇADO

A técnica do trançado está presente em muitas culturas, como a indígena e a caiçara. Os cestos e outros objetos são produzidos a partir de fibras vegetais e sua forma varia de acordo com a funcionalidade desejada, seja para uso diário ou para decoração. O acervo de cestaria da Cultura Popular é composto por objetos provenientes de São Paulo, Pará e, principalmente, do litoral paranaense, muito utilizados na atividade da pesca e no cotidiano dos caiçaras. O tipiti é um dos instrumentos produzidos a partir do trançado de fibras que pode ser visto na exposição. Ele é utilizado no preparo da farinha de mandioca, juntamente com a prensa, para extrair o líquido da mandioca ralada, que neste momento é altamente tóxico. Depois disso a massa compactada é esfarelada, peneirada e torrada.

NA TRAMA DOS FIOS

Fiar, tecer e trançar. Habilidade manual e técnica se aliam na produção de tecidos, rendas, tricôs e crochês. No Brasil, estas são atividades femininas por excelência, o que não exclui a participação dos homens, muitas vezes na confecção dos instrumentos utilizados para

a fabricação. As fiandeiras utilizam a roda de fiar, a roca e o fuso; o tear é usado na produção de tapetes, colchas e tecidos; as rendeiras, por sua vez, utilizam cavaletes, almofadas e bilros.

A técnica artesanal da tecelagem é uma das mais antigas da humanidade, existindo evidências de que no Egito Antigo já eram usados teares para a confecção de tecidos. Mesmo atualmente, com a tecnologia e as máquinas, esse é um saber que sobrevive em algumas regiões do Brasil, como Minas Gerais. Inclusive, é da região da zona da mata mineira uma das primeiras peças adquiridas para o MAE: um grande tear. Também a produção artesanal de rendas ainda sobrevive em comunidades brasileiras, como em algumas regiões do Nordeste e na cidade de Florianópolis, onde as rendas de bilro são bastante conhecidas e apreciadas. Fazem parte do acervo do MAE amostras de tecidos e rendas, bem como alguns instrumentos utilizados para a confecção dos mesmos, como uma roda de fiar e uma almofada de bilros.

A TRANSFORMAÇÃO DO BARRO

O uso da argila para a produção de artefatos pelo homem está presente desde a pré-história. A cerâmica, que é a argila queimada a altas temperaturas, começou a aparecer já no período Neolítico. No Brasil, as cerâmicas mais antigas foram encontradas na Amazônia e têm por volta de 6000 anos. Desde então o homem segue utilizando esta técnica para a produção de objetos utilitários e decorativos em várias culturas e em muitas partes do mundo.

O acervo de Cultura Popular do MAE conta com uma série de objetos de cerâmica das mais variadas origens. As esculturas de Mestre Vitalino, vindas de Caruaru, é uma das preciosidades do acervo, juntamente com vários outros objetos decorativos e utilitários. Vitalino nasceu em Caruaru, Pernambuco, no ano de 1909 e desde criança gostava de esculpir o barro utilizado por sua mãe para fazer utensílios domésticos. Somente em 1947 sua arte ficou conhecida do grande público, quando expôs seus trabalhos na 1ª Exposição de Cerâmica Pernambucana, ocorrida no Rio de Janeiro.

As peças de Vitalino foram remetidas para o MAE em 1962, um ano antes de sua morte. Outra coleção de cerâmica importante do MAE é a que foi doada pela pesquisadora Herta Loëll Scheuer na década de 1980. Ela é composta por potes, vasos, panelas eoringas, provenientes principalmente dos estados de São Paulo e Paraná, que demonstram as variadas formas e utilidades desse tipo de material.





A DIVERSIDADE DA FÉ

A diversidade está presente em vários aspectos da sociedade brasileira. Os sotaques, a culinária, os modos de vida, a natureza e o clima são alguns dos poucos exemplos dos muitos que poderíamos elencar. Da mesma maneira, a religiosidade no Brasil é caracterizada pela diversidade de crenças, das mais variadas origens. Do catolicismo às religiões neopentecostais, do candomblé à umbanda e ao espiritismo, nosso país agrega os mais diferentes credos. Na exposição de Cultura Popular estão representadas algumas religiões e manifestações religiosas que acontecem Brasil afora. Nada melhor para desfazer os preconceitos e equívocos a respeito das religiões do que o conhecimento sobre elas.



FESTA DO DIVINO

Esta festa remonta à tradição portuguesa, trazida para o Brasil ainda no primeiro século de colonização, nos idos de 1500. Em Portugal, atribui-se o início do culto ao Espírito Santo à Rainha Isabel de Aragão, que no século XIV construiu uma igreja em Alenquer em homenagem ao Espírito Santo. A rainha, considerada santa, convidou os pobres para o seu palácio e, dentre eles, escolheu o mais pobre para ocupar, simbolicamente, o papel de rei. Além disso, Isabel ofertava esmolas aos pobres da cidade, ato copiado por outros nobres portugueses. A tradição do culto ao Divino seguiu com as características monárquicas de sua origem, existindo até hoje a coroação de um imperador. No Brasil, muitas cidades brasileiras, como Paranaguá no Paraná, Paraty no Rio de Janeiro e São Luiz do Paraitinga em São Paulo seguem realizando festas do Divino, que acontecem 50 dias após a Páscoa, no 7º domingo após a Ressurreição de Cristo. Antes da festa, os fiéis realizam visitas à casa de outros devotos, acompanhados de músicos, para angariar doações para as festividades. No dia da festa é realizado um cortejo em que é representado o Império e também o Espírito Santo, com pombas, bandeiras e uma Coroa.

BENZEDEIRAS

A cura por meio de plantas medicinais e rezas resiste ainda nos dias de hoje, não apenas nas cidades pequenas e rurais, mas

também em algumas capitais, como Curitiba. Esta prática é mais comumente associada às mulheres, chamadas de benzedeiros, que são muito procuradas para alívio de várias enfermidades. Praticantes do catolicismo, em sua maioria, as mulheres fazem orações para Jesus Cristo, Nossa Senhora e outros santos da Igreja Católica. Não raras vezes possuem altares em suas casas, como símbolo de devoção aos santos e santas aos quais costumam recorrer em suas rezas. Muitas foram iniciadas no ofício pelos pais, aprendendo desde cedo sobre a utilidade das plantas e também o tipo de oração para cada enfermidade. Hoje em dia, no entanto, o interesse dos mais jovens em aprender o ofício está cada vez mais raro, resultando em uma diminuição do número de benzedeiros. Dois municípios da região Centro-Sul do Paraná foram pioneiros ao aprovar leis municipais para registro e reconhecimento da atividade das benzedeiros. Em Rebouças e São João do Triunfo, as mulheres são cadastradas e recebem uma carteirinha, com a qual têm acesso garantido a terrenos para coleta das plantas que utilizam nas curas. Além disso, as mulheres se reúnem e realizam encontros onde trocam experiências e repassam o conhecimento uma para as outras. Este tipo de iniciativa é importante para o reconhecimento da atividade das benzedeiros e também para seu fortalecimento enquanto grupo detentor de uma prática tradicional.

ESPIRITISMO

A doutrina espírita surgiu no século XIX, na França, a partir dos estudos do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail sobre estranhos fenômenos que vinham acontecendo nos salões de baile europeus: mesas se movimentavam sozinhas. Rivail analisou os acontecimentos e chegou à conclusão de que eram espíritos humanos que se manifestavam através das mesas, inclusive respondendo a perguntas dos presentes. Rivail, através de um espírito, soube que em outras vidas havia sido um celta chamado Allan Kardec. A partir de então, passou a usar este pseudônimo e escreveu cinco livros, que são a base do Espiritismo; o primeiro deles, o Livro dos Espíritos, foi lançado em 1857. Ao Brasil, a nova doutrina chegou já na década de 1860, conseguindo adeptos entre médicos, advogados, engenheiros e militares. Desde o século XIX, os “médiuns curadores” promoviam sessões de cura, para as quais acediam cada vez mais pessoas. Apesar de seus praticantes terem sofrido perseguições após a Proclamação da República e de o Espiritismo ter sido considerado ilegal até meados do século XX, a doutrina cresceu no país, principalmente com a figura do mineiro Chico Xavier, autor de muitos livros psicografados. O parnanguara Dr. Leocádio José Correia, nascido em 16 de fevereiro de 1848, também tem bastante importância para o Espiritismo. Atuando como médico na cidade de Paranaguá, era conhecido por

sua bondade e presteza no atendimento aos doentes. Após sua morte precoce, aos 38 anos, surgiram vários relatos de manifestação de seu espírito, que continuou promovendo a cura em várias pessoas. O Brasil, atualmente, é o país com o maior número de espíritas no mundo. De acordo com o censo de 2010 são quase quatro milhões de brasileiros que se declaram praticantes do Espiritismo.



UMBANDA

A umbanda é caracterizada pelo sincretismo religioso, uma vez que agrega elementos católicos, espíritas, africanos e indígenas em sua configuração. A caridade é o que rege seus seguidores. O principal personagem da umbanda, considerado por muitos o fundador da religião, é Zélio Fernandino de Moraes. Com 17 anos, Zélio foi curado de uma doença não identificada pelos médicos e, no dia 15 de novembro de 1908, compareceu a uma sessão na Federação Espírita do Rio de Janeiro. Ao participar da sessão Zélio incorporou um espírito que se intitulou Caboclo das Sete Encruzilhadas, que repreendeu os presentes à mesa por não permitirem a presença de espíritos considerados inferiores, como pretos escravos, índios e caboclos. Diante de tal censura, o espírito incorporado em Zélio informou aos presentes que no dia seguinte daria início a um novo culto, no qual escravos africanos, índios, caboclos e outros espíritos antes banidos poderiam ser incorporados e ouvidos. A Lei de 16 de maio de 2012 instituiu oficialmente o dia 15 de novembro como o Dia da Umbanda no Brasil.



CANDOMBLÊ

Nascido no Brasil, o candomblé é uma religião afro-brasileira resultante da fusão entre as diferentes crenças trazidas pelos africanos escravizados desde o século XVI. Já em terras brasileiras, os homens e mulheres vindos de diversas regiões da África e de diferentes etnias acabaram por unificar suas crenças, surgindo assim o candomblé. No entanto, em razão da diversidade dos povos da Costa Ocidental africana que foram trazidos como escravos há variações dentro das práticas da religião. Por exemplo, para as nações Congo e Angola, as divindades cultuadas chamam-se inquices, para os jeje, vodun e, finalmente, para a tradição nagô ou ketu, orixás.

O candomblé de tradição nagô e ketu é, sem dúvida, o mais difundido e conhecido no Brasil. Um dos motivos é o fato de ter sido mais estudado por pesquisadores nos meados do século XX, como Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Apesar das variações, todas as tradições acreditam em um único Deus, chamado pelos nagô e ketu de Olorum ou Olodumare. É comum também a crença em intermediários entre Deus e os homens, que são os orixás, inquices ou voduns. Esses seres representam as forças da natureza e também ancestrais longínquos e que, por esse motivo, devem ser cultuados. Por isso os praticantes do Candomblé fazem oferendas para as divindades, de comida e bebida,

e realizam rituais com dança e música, tocada nos atabaques, que faz com que os orixás/voduns/inquices se manifestem. Outro ponto importante das cerimônias é a incorporação das divindades nos iniciados para que entrem em contato com os vivos. Nesse momento os praticantes compartilham e celebram com comida, bebida e dança, o que consideram como um momento de transmissão da energia vital, chamada de Axé.

CONGADA

As relações entre África, Brasil e Portugal sempre foram muito estreitas. Os milhões de africanos trazidos como escravos para o Brasil, inicialmente pelos portugueses, contribuíram de maneira significativa para a construção da sociedade brasileira. Uma das muitas manifestações culturais resultantes desta inserção é a Congada. Os reis do Congo estiveram presentes em várias vilas do Brasil desde o século XVII. Essa prática esteve relacionada com as irmandades de negros, sempre devotadas a São Benedito ou a Nossa Senhora do Rosário. Uma vez por ano as irmandades organizavam uma festa, para a qual escolhiam um rei, uma rainha e toda a corte. Saíam às ruas, caracterizados com roupas de nobreza, joias, coroas e cetros. Ainda na África, especialmente na região centro-ocidental, havia a coroação de reis e rainhas, líderes daquelas sociedades. Junto com os portugueses, chegou a essa região já no século XV o catolicismo, apresen-

tado pelos missionários. O reino do Congo foi um dos primeiros a se converter à nova religião, tendo como principal representante o rei Mbemba Nzinga, batizado como Afonso I ainda criança e que reinou no Congo entre 1507 e 1542. A figura deste rei foi lembrada durante muitos anos, tanto por portugueses como pelos africanos. A coroação de reis congos entre os escravos no Brasil, portanto, era bem vista pela sociedade portuguesa escravista, uma vez que relembra a dominação católica sobre eles. Por outro lado, para os africanos, a coroação era também uma forma de organização social e de construção de novas identidades a partir de elementos conhecidos por eles na África. A Congada como conhecemos hoje, como uma dança teatralizada, remonta ao século XIX e essencialmente representava um enfrentamento entre o reino do Congo e outro reino pagão, comumente Angola, e que sempre terminava com a vitória do reino católico. No Paraná, a Lapa é uma das cidades que manteve durante muito tempo a realização das Congadas, registradas pelos pesquisadores José Loureiro Fernandes e Vladmir Kozák, que conseguiram formar um importante acervo constituído de vestuário, objetos, fotografias e filmes da Congada Lapeana, coletado nos anos 1950 e 1960, hoje pertencente ao MAE-UFPR.





BRINQUEDOS

"Pois é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno ser através de brincadeiras, acompanhados pelo ritmo de versos e canções."

-WALTER BENJAMIN, BRINQUEDO E BRINCADEIRA, 1928.



A citação de Benjamin mostra muito bem a importância da brincadeira para nosso aprendizado e crescimento. O lúdico, as brincadeiras e os brinquedos são marcos na vida de todos nós. Imaginar, construir e brincar faz parte de nossa formação como cidadãos e de nossa experiência como indivíduos. Apesar do objetivo comum, os modos e maneiras de nos divertirmos quando crianças estão sempre em movimento e em constante alteração, não apenas de uma geração para outra, mas também de uma localidade para outra. A indústria do brinquedo, com uma produção exclusivamente voltada para eles, data do século XIX. Antes disso, os brinquedos eram subprodutos de outras atividades, como a carpintaria, e só poderiam ser encontrados nas oficinas e não em lojas especializadas. Inicialmente eram feitos de madeira e estanho, mas, aos poucos, outros materiais foram sendo incluídos, como metal, vidro, papel, até chegar ao plástico e aos brinquedos eletrônicos sofisticados dos

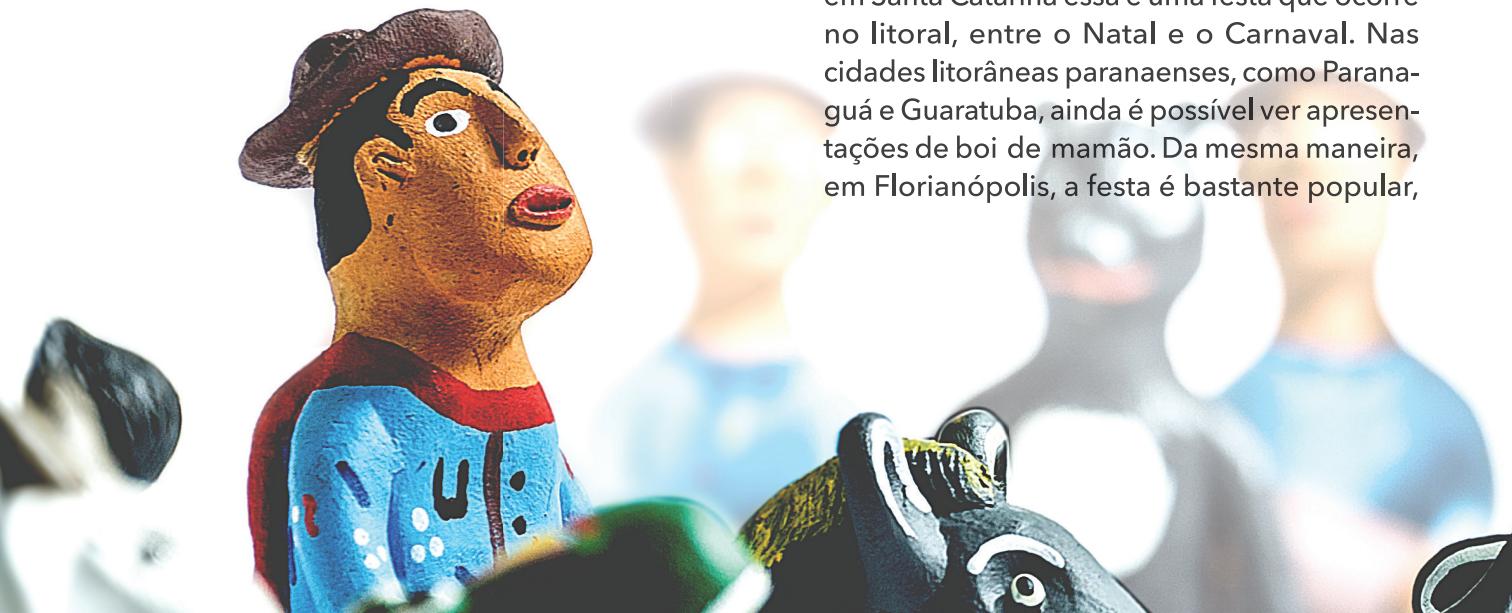
dias de hoje. Mas, independente do material com que o brinquedo é produzido, a criança é que vai determinar a brincadeira que fará com aquele objeto. Um simples pedaço de madeira ou uma garrafa pet pode se transformar em brinquedos e brincadeiras divertidíssimos nas mãos dos pequenos. No entanto, o contato com brinquedos considerados mais “simples”, como piões, estilingues e petecas, tem diminuído principalmente nos centros urbanos, onde as crianças têm mais acesso à TV, computadores, jogos eletrônicos e a brinquedos mais elaborados, como carrinhos de controle remoto e bonecas que falam. Os brinquedos existentes no acervo da Cultura Popular do MAE são um convite a adultos e crianças para apreciarem vários tipos de brinquedos artesanais, produzidos com madeira, argila, palha e outros materiais atualmente pouco vistos na confecção de objetos destinados à diversão das crianças.

FESTAS E FO

Comemorar e celebrar, partilhar momentos de alegria e diversão. As festas e folguedos fazem parte do cotidiano do brasileiro desde os tempos coloniais. Os motivos para festejar podem ser religiosos, comunitários ou mesmo a pura e simples diversão. Na exposição de Cultura Popular estão contempladas algumas das muitas manifestações festivas que ocorrem em várias partes do Brasil, representadas através de imagens, sons e objetos.

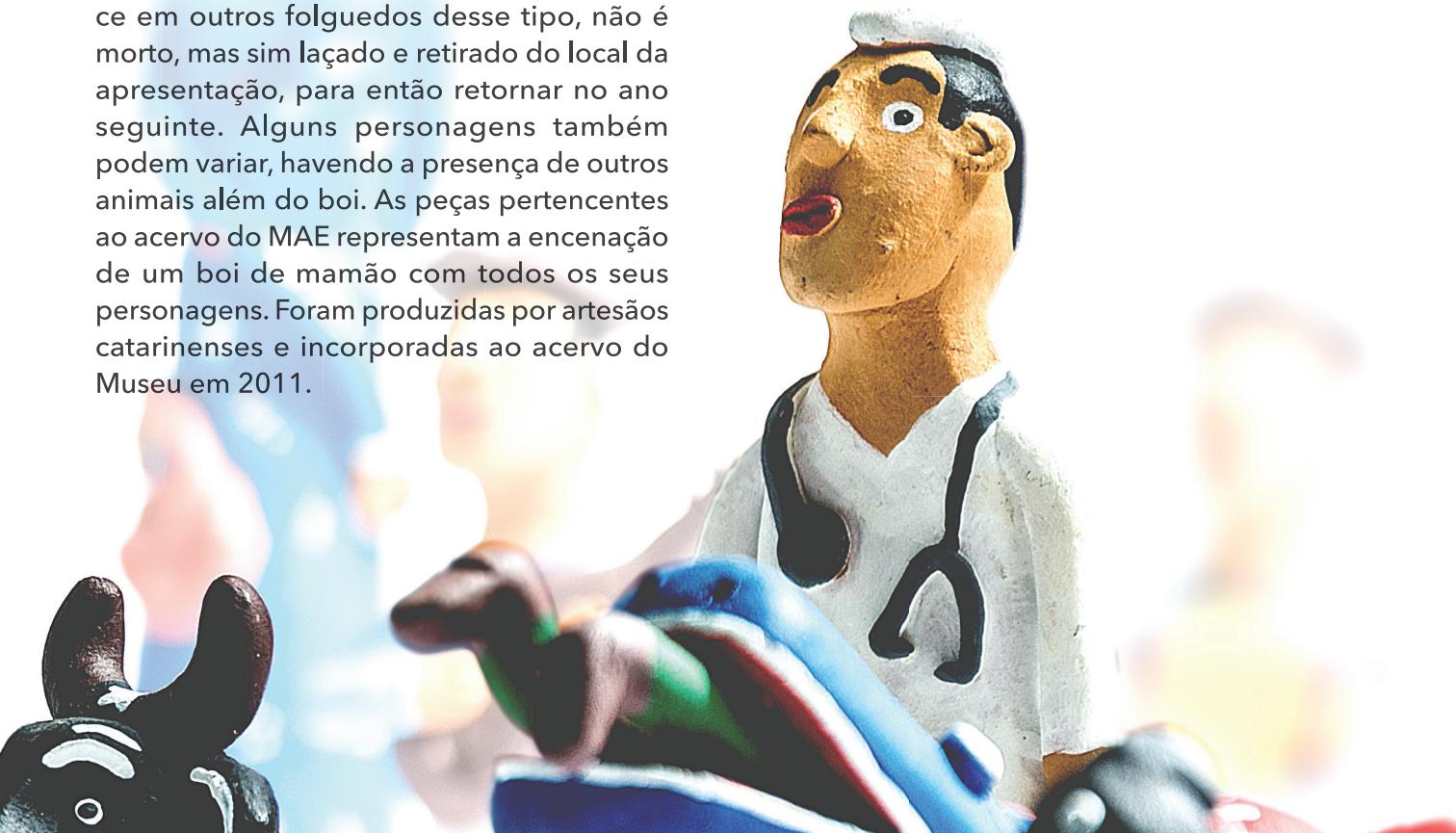
BOI DE MAMÃO

O folguedo do boi acontece em várias partes do Brasil, mas com nomes diferentes. No nordeste é o bumba-meu-boi, no norte o boi-bumbá e, no sul (Paraná e Santa Catarina), o boi de mamão. O nome remete às origens do folguedo, quando então a cabeça do boi era representada por um mamão verde. Trata-se de uma encenação que mistura teatro e música, dividida em vários atos e com muitos personagens, entre eles, o vaqueiro, o boi, o carneiro, o médico, o Barão, a Bernunça e a Maricota (ou Mariola). Tanto no Paraná como em Santa Catarina essa é uma festa que ocorre no litoral, entre o Natal e o Carnaval. Nas cidades litorâneas paranaenses, como Paranguá e Guaratuba, ainda é possível ver apresentações de boi de mamão. Da mesma maneira, em Florianópolis, a festa é bastante popular,



LGUEDOS

ocorrendo inclusive nas escolas. A possível origem do boi de mamão vem dos imigrantes açorianos de Santa Catarina que, posteriormente, migraram para o Paraná. A apresentação é caracterizada por um tom cômico e em alguns casos o boi, ao contrário do que acontece em outros folguedos desse tipo, não é morto, mas sim laçado e retirado do local da apresentação, para então retornar no ano seguinte. Alguns personagens também podem variar, havendo a presença de outros animais além do boi. As peças pertencentes ao acervo do MAE representam a encenação de um boi de mamão com todos os seus personagens. Foram produzidas por artesãos catarinenses e incorporadas ao acervo do Museu em 2011.



PAU DE FITA

Dança de origem europeia, trazida ao Brasil por portugueses e espanhóis, que acontece com mais frequência nos estados brasileiros do sul. Consiste numa dança executada por pares, divididos em dois grupos ao redor de um mastro encimado por um conjunto de fitas coloridas. Cada participante segura uma das fitas e, durante a dança, forma um trançado ao redor do mastro. Não existe uma música exclusiva, mas comumente é acompanhada por acordeão, pandeiro, violão e cavaquinho. É comum também que a dança do pau de fita aconteça antes de outras manifestações populares, como o Boi-de-mamão.

FANDANGO

O fandango é um baile animado por músicos que tocam violas, rabecas e adufos, e por dançarinos que usam tamancos para produzir sons ao ritmo da música, denominadas marcas. No litoral do Paraná, principalmente nas cidades de Paranaguá e Guaraqueçaba, os bailes de fandango ainda acontecem com frequência. Sua origem remete a tradições espanholas e portuguesas de dança e música, trazidas ao Brasil pelos colonos e repassadas

aos seus descendentes. Já em terras brasileiras, os bailes quase sempre eram antecedidos pelo chamado mutirão, em que os vizinhos reuniam-se para ajudar no plantio e na colheita de uma roça. O beneficiado, por sua vez, oferecia um baile como agradecimento. Era um baile de fandango.

A Ilha de Valadares, em Paranaguá, é um dos redutos do fandango paranaense. Lá existem alguns grupos que inclusive produzem seus próprios instrumentos com a caixeta, madeira clara, leve e macia, ideal para fazer violas e rabecas. A grande maioria dos instrumentos musicais do fandango que fazem parte do acervo do MAE foi produzida em Paranaguá pelas mãos de hábeis artesãos e músicos que contribuem para a continuidade dessa manifestação cultural do litoral paranaense. Em novembro de 2012 o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconheceu oficialmente e registrou o Fandango Caiçara como Patrimônio Cultural Brasileiro.

CAVALHADAS

As cavalhadas no Brasil acontecem desde o século XVII. Há variações em seu formato e execução, sendo a principal delas a teatralização. Nos estados do nordeste é mais comum a existência de cavalhadas que consistem apenas em jogos equestres, como a argolinha e as filas cruzadas de cavaleiros, que remontam às justas e aos torneios que ocorriam na Europa Medieval. Já no sul e sudeste brasileiros a cavalhada, além dos jogos, traz também uma dramatização, que representa a luta entre cristãos e mouros, culminando com a vitória dos primeiros. A figura de Carlos Magno, coroadado imperador do Ocidente em Roma no ano de 800, aparece nas cavalhadas devido à sua conhecida luta contra os mouros que ocupavam a Península Ibérica naquele período. Convencionalmente, a dramatização da cavalhada acontece com 12 cavaleiros mouros e 12 cristãos, mas esse número pode variar de uma cidade para outra. Juntam-se aos cavaleiros, fidalgos e mascarados, chamados de "curucucus", que assustam o público que assiste ao espetáculo. No Paraná, as cidades de Palmas e Guarapuava são conhecidas por realizarem cavalhadas, que contavam com a participação de centenas de pessoas em sua preparação e execução. As peças de vestuário, adornos de cavalos e máscaras existentes no MAE UFPR são provenientes das cavalhadas de Guarapuava e Palmas, das décadas de 1960 e 1980.





CASA CAIÇARA

A palavra caiçara, de origem tupi, é usada para designar as comunidades do litoral de São Paulo, Paraná, norte de Santa Catarina e Rio de Janeiro. A formação dos caiçaras remete a uma influência étnico-cultural de indígenas, portugueses e, em menor escala, dos escravos africanos. Essas comunidades, portanto, começaram a se formar já no século XVI, quando teve início a colonização da América portuguesa. Atualmente, esse modo de vida, em algumas regiões, está ameaçado pela especulação imobiliária e pelos avanços das cidades em que estão localizadas as comunidades.

O modo de vida caiçara caracteriza-se pela estreita relação com o mar e a floresta, de onde tiram sua subsistência com a pesca e a agricultura. Por outro lado, nas festas, o baile de fandango e as celebrações relacionadas ao catolicismo predominam nas comunidades. A fabricação de seus próprios instrumentos de trabalho e de diversão é também uma de suas características. Mesmo hoje em dia, com o fácil acesso a produtos industrializados, ainda existem artesãos nas comunidades que fabricam suas próprias redes, boias e pesos de pesca e também suas violas, rabecas e tamancos para o fandango.

Boa parte do acervo de Cultura Popular do MAE é formada por peças confeccionadas por homens e mulheres das comunidades caiçaras do litoral do Paraná e São Paulo, como petrechos de pesca, cestaria e instrumentos musicais do fandango. Na exposição está reproduzida uma moradia caiçara dos dias atuais, que mistura elementos tradicionais e modernos. Uma mudança significativa nas casas atuais em relação as do passado é a cozinha separada do restante da casa. Na foto ao lado, da década de 1960, é possível ver a cozinha em primeiro plano, mais rústica, e logo atrás a casa, de madeira e um pouco mais elaborada. Atualmente esse tipo de moradia não é mais comum entre os caiçaras, que incorporaram a cozinha ao restante da casa.

As transformações sofridas pelo modo de vida caiçara, no entanto, não descaracterizam sua identidade. Pelo contrário, os processos de expropriação e ameaças que sofreram principalmente a partir de meados do século XX, serviram para reafirmar ainda mais a identidade cultural caiçara. Muitas comunidades se organizaram em associações e realizam encontros, congressos e reuniões governamentais em busca de seus direitos como população tradicional do litoral brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. Rito Nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O que é o Espiritismo*. Segunda Visão. Antropológica. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular. *Tesouro de Folclore e Cultura Popular*. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=30. Acesso em 02/12/2013.

DALGLISH, Lalada. *Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha*. São Paulo: UNESP, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna (org.). *Enciclopédia Caiçara, vol. 1*. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2004.

PEREIRA, Niomar de Souza. *Cavalcadas no Brasil. De cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos*. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

SCHEUER, Herta Loëll. *A tradição da cerâmica popular*. São Paulo: Escola de Folclore, Editora Livramento, 1982.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX*. In: Revista de História 152, 1º, 2005, pp. 79-98.

LEGENDAS

Abertura: Peça II-2108 – Bernúncia em cerâmica (personagem do Boi-de-mamão). Florianópolis – SC, 2011. Doação Prof. Dr. Ronaldo Corrêa. Foto: Douglas Fróis.

Página 06: Festa do Divino em igreja de Guaratuba-PR. Sem data. Fotos: Acervo MAE.

Página 08: Processo de elaboração de cesto no litoral paranaense. Sem data. Fotos: Acervo MAE.

Páginas 10 e 11: Peça II-867 – Torrador. Jairê/Caputera, Iguape – SP. Década de 1980. Doação de Herta Loëll Scheuer. Foto: Douglas Fróis; Peça II-1566 – Bumba-meu-boi. Figura de cerâmica sem pintura de autoria de Manuel Vitalino. Caruaru – PE. 27/10/1962. Foto: Douglas Fróis.

Página 12: Peça II-653 – Imagem de São Benedito. Sem Data. Procedência desconhecida. Foto: Douglas Fróis.

Página 14: Peça II-1543 – Terço, objeto devocional. Sem Data. Procedência desconhecida. Foto: Douglas Fróis; Peça II-246 – Escultura de Exu. Bahia. Década de 1960. Procedência desconhecida. Foto: Douglas Fróis.

Página 17: Congada da Lapa – PR. Década de 1950. Fotógrafo: Vladimir Kozák. Fotos: Acervo MAE.

Página 18: Peça II-1115 – Baiana, boneca de pano. Bahia. Sem data. Foto: Douglas Fróis.

Página 19: Peça II-2151 – Estilingue. Rio dos Medeiros, Baía das Laranjeiras – PR. Década de 1960. Doação Escola de Música e Belas Artes. Foto: Douglas Fróis.

Páginas 20 e 21: Peças II-2101 a 2113 – Representação em peças cerâmicas do Boi-de-Mamão. Florianópolis – SC. 2011. Doação Prof. Dr. Ronaldo Corrêa. Foto: Douglas Fróis.

Página 23: Cavalhadas de Palmas-PR e Pirinópolis-GO. Sem data. Fotos: Acervo MAE.

Página 24: Casa Caiçara: Casa e cozinha caiçara, localizada em Guaraqueçaba-PR. A foto faz parte das pesquisas realizadas por Julio Alvar e Janine Alvar na região e foi captada em 10/04/1974. Foto: Acervo MAE.

ASSIM VIVEM OS HOMENS

Reitor UFPR

Zaki Akel Sobrinho

Vice-reitor UFPR

Rogério Andrade Mulinari

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Cláudio de Sá Machado Júnior

Diretora da Editora UFPR

Suzete de Paula Bornatto

Vice-diretor da Editora UFPR

Cláudio de Sá Machado Júnior

Universidade Federal do Paraná

Sistema de Bibliotecas - Biblioteca Central

Coordenação de Processos Técnicos

Assim vivem os homens : guia da exposição / Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná ; curadoria : Bárbara Bueno Furquim, Bruna Marina Portela, Vanessa Durando. - Curitiba : Ed. UFPR, 2017. 27 p. : il. color.

ISBN 978-85-8480-119-0

Inclui referências

Exposição de longa duração do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.
"Cultura popular"

1. Brasil - Cultura popular - Exposições. I. Furquim, Bárbara Bueno.

II. Portela, Bruna Marina. III. Dourado, Vanessa. IV. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.

CDD 306

CDU 316.736(81)

ISBN 978-85-8480-119-0

Direitos desta edição reservados à

Editora
UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar Centro

Curitiba - PR - Brasil

CEP: 80010-200

Caixa Postal 17309

Tel.: (41) 3360 - 7489

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2017

Essa obra foi integralmente produzida pelo:

mae | **museu de**
arqueologia
e etnologia
UFPR

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia

Márcia Cristina Rosato

Curadoria

Bárbara Bueno Furquim

Bruna Marina Portela

Vanessa Durando

Textos

Bruna Marina Portela

João Rickli

Márcia Cristina Rosato

Museologia

Ana Luisa de Mello Nascimento

Marília Xavier Cury

Fotografia

Douglas Cleverson Fróis

Arte Final

João Victor Rosa Campos

Marcelo Hoff dos Santos Filho

Alunos Colaboradores

Bárbara Cíntia de Ridder Barros, Jéssica Cabral, Luana Maria de Souza, Luanna F. da Cruz Bach, Luiz Felipe de Castro Henning, Muriel Maria Trento, Robson Bertasso, Tiago da Silva Pereira.

Equipe MAE

Ana Luisa de M. Nascimento, Ângela C. de Castro Simões, Bruna Marina Portela, Douglas C. Fróis, Dorila Rosane Rodrigues, Elizabeth Scomassão, Fábio Luís Gasparello Marcolino, João Roberto Gasparin Kalluf, Laércio Brochier, Laura Pérez Gil, Márcia Cristina Rosato, Luiz Carlos Alves, Luiz César Rodrigues, Miguel Carid Naveira, Regiane S. Pelaquini, Renata C. Rugilo, Sady P. do Carmo Jr., Yara Tavares.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Venha conhecer a exposição!

Sede do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR

De terça a domingo (inclusive feriados) das 8h às 20h.

Rua XV de Novembro, 575, Paranaguá - PR

(41) 3313.2042 | (41) 3721.1200

REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:



Ministério da
Cultura



ECONOMIZE ÁGUA

